

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 67

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 1905

É prohibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar

Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Brazil

Anno.....	52\$000 moeda fraca
Semestre.....	30\$000 " "

Territorios da união postal

Anno.....	10\$500
Semestre.....	6\$500



Agente em S. Paulo
A. S. Jorge & Comp.
Pharmacia Lealdade
25-A Rua - Brás

LISBOA
Empresa do jornal "O SECULO."
43-RUA FORMOSA-43

CASAS RECOMMENDADAS PELA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - T. DE S. DOMINGOS, 28, LOJA-LISBOA



HALITO

e a má cor dos dentes desaparece com o uso da Pasta dentifíca Couraça

A venda nos principais estabelecimentos

Deposito M. B. B. Teixeira

Rua de S. Bento, 230

Centro Colonial Typographico

Rua da Conceição da Gloria

Trabalhos em todos os generos

Preços resumidos 20

Flores naturais
JARDIM DE LISBOA
de PEIXINHO (FLORISTA)

49, Rua Nova do Carmo, 49

COLCHOARIA

de Viuva Germano Quintão

PREÇOS LIMITADOS

Rua Serpa Pinto, 50

VIERLING & C.

LIMITADA

Cambio e pagamentos de credito

Praça do Municipio, 1, 2 e 3

Rua do Arsenal, 44 e 46

Kermesse

de Paris

Completo sortimento de brinquedos

Objectos de novidade para brindes

perfumarias e varios artigos de utilidade

Rua do Principe (Avenida Palace)

Chronometre

ZENITH

O melhor relógio em ouro, prata e aço

A venda em todas as relojoarias

SILVA CARVALHO
(PHARMACEUTICO)

46, Rua de Santo Antão, 52

Completo sortimento de cintos elasticos, fundas, artigos para pensos, esterilizações, etc., etc.

Especialidades nacionaes e estrangeiras, aguas medicinas, perfumarias, etc.

128

Pitta, Camiseiro

195, Rua Augusta, 197

BACALHAU

Por grosso e miúdo a preços

muito resumidos, vende-se no ar-

mazem da

R. Nova de S. Domingos, 34

antiga fabrica de fios, canotinhos,

lanternas, galões e vendas

de ouro e prata fina. — (Estabelecida

desde 1763 na R. N. de S. Domi-

gos, 7, 1.ª actualidade Rua de Santo Antão,

56, 1.ª, junto á igreja de S. Luiz.

TODOS OS PAES PREVIDENTES
DEVEM segurar a vida na

MUTUAL LIFE. Praça dos Remolares

OURIVESARIA
e relojoaria

FLORINDO

COM

Officina annexa

99, RUA AUREA, 99

Photographia Oriental

de A. M. ALMEIDA

Campo das Cebolas (chalet) — Lisboa

Retratos em todos os generos

Mosaicos hydraulicos

e ceramicos de

Goarmon & C.

Azulejos em faiança, de cartão

e em estylo arabe proprios para deco-

rações artisticas.

Catalogos sob requisição

T. do Corpo Santo, 21 — Lisboa

A gente providente deve ter um seguro de vida na **Companhia Equitativa dos Estados Unidos da America.**

Largo de Camões

Campião & C. Rua do Am-

paro, 118

Lotarias à venda — 19 de abril

50:000\$000

Bilhões a 245000 réis.

10 de junho

60:000\$000

Bilhões a 309000 réis.

Steffanina

Chemiserie, cravates

Trousseaux, Gants, Nouveautés

45, Rua do Loureto, 55

CASA AMIEIRO, SUCCESSORES

Telephone, 1110

ATELIER DE ALFAIATE

A. C. LOPES & C.

CONFECCOES PARA HOMENS E SENHORAS

LISBOA

55, Rua Ivens, 57, 1.º

PANORAMA DA PALESTINA Rua Antonio Maria Cardoso, 1

O mais extraordinario trabalho artistico que se tem apresentado em Lisboa.

A pintura e esculptura dando a mais completa e exata ideia da realidade. Perfeita illusão d'uma viagem á terra Santa, á patria de Jesus Christo.

Todos os dias das 2 horas da tarde á meia noite

O SEculo
NUMERO DO NATAL

Publicação de luxo feita nas officinas d'O SEculo. Gravuras a cores pelos processos mais modernos.

PREÇO

200 RÉIS

Está á venda em todas as livrarias, tabacarias e kiosques de Lisboa e Porto, e em todas as agencias d'O Seculo, nas provincias, Africa e Brazil.



ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Chaves
EDITOR

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do Jornal O SÉCULO

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA.

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photogravura, sincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 13 DE FEVEREIRO DE 1905

NUMERO 67



ARTE PORTUGUEZA: CAIM

ESCUPTURA DE MORRIHA RATO EXISTENTE NO MUSEU DAS JANELLAS VERDES

«Caim é o remorso; é a evocação d'uma consciência que soffre após o crime praticado. O esplendido biblico den ao escultor a idea d'essa estatua que realmente é uma das mais bellas da moderna arte portugueza. Esteve exposta n'esse magnifico certamen artistico que o grupo Leão realhou nas salas do *Commercio de Portugal*, depois de ter sido galardoada no Salon de Paris

com uma menção honrosa. O trabalho é d'uma bellissima execução e desde logo assegurou ao seu autor uma justa reputação. Bem modelado, d'uma correção admiravel de justiça e de verdade, Caim honra o Museu Nacional de Bellas Artes, onde já se encontra um arrolado numero de obras de valor que fomos successivamente publicando.

CHRONICA

O voto

Ha duas ou tres semanas que se preparam as eleições, que se fabricam as listas e tambem os eleitores, segundo deprehendemos dos jornaes que annunciam reuniões em centros politicos, jantares intimos em casa de magnates, trabalhos de habilitação e comícios na praça publica.

Porém, se apenas n'estas duas semanas se insiste mais em eleições, é porque seria monotono e mesmo pouco conveniente dizer nos jornaes o que por ellas se pratica, hora a hora, dia a dia, durante vi das inteiras, como se a eleição fosse o unico pensamento nacional, como se fazer um deputado merecesse tanto as atenções e as intrigas como collocar um cardeal no throno de S. Pedro. Com effeito a eleição é entre nós a idéa dominante, mas não pela preocupação de escolher bem o representante da nossa maneira de pensar. Para uns é um arrimo, para outros uma especulação, para alguns um sport, para a maioria um arranjo, para os mais descartados um modo de vida. O voto é como um objecto que se tem á mão para uma reinata. Quando vem o desejo de passar um dia no campo, de comprar umas botas, de faltar um dia á fabrica ou á loja, de possuir uma coisa barata, mas para que não chegue o nosso dinheiro, agarra-se no voto e... vende-se! Como é grande a offerta, o preço é baixo; reduz-se



CASTELLO DE S. JORGE—ENTRADA PARA O CASTELLO (LADO NORTE)



CASTELLO DE S. JORGE—INSTRUÇÃO DE RECRUTAS DE CAÇADORES 5

uníto desde que os governos os fabricam. Mas ainda assim ha gente que, além do seu voto, dá o da familia, outros que compram os dos vizinhos para revender, alguns que o dão como um peru pelo Natal, por galanteria, e ainda outros que arrastam para a urna uma grande porção de individuos que lhes são ligados por interesses como esses ganhões das grandes hordades alemtejanas, alguns operarios de enormes officinas, exercitos que com balas de papel e n'uma inconsciencia de verdadeiros soldados fazem a politica dos amos sem a menor recompensa. Julgamos tambem que essa designação do voto que se dá á lista lançada n'uma urna de lata, diante de tres sujeitos e d'alguns policas, na nave d'uma egreja, parte da idéa que se lhe liga, de promessa a um idolo, de supplica a um potentado, como nos seus congéneres de cón, os ex votos, as pernas e as cabeças, os braços e os deudos que se offertam aos santos, vae todo o interesse, toda a ancia do ganho; a bilha de leite esperando a bilha d'azeite, saloia e manhosamente.

Morçê d'esta serie d'interesses por vezes mesquinhos e da facilidade da offerta do voto é que se tem creado o deputado, que pelos merecimentos proprios nunca o seria. E' o unico paiz do mundo onde não se toma a serio o mandato, simplesmente porque elle não traz a responsabilidade d'um dever, mas a indifference que todo o proprietario pode ter pela sua propriedade comprada ou dada adquirida por qualquer forma. Do deputado assim feito sae o ministro, o presidente do conselho, o dominador que, creado pelo ouro, só ao ouro adora e por elle sacrifica muitas vezes os mais sagrados e os mais caros direitos da nação.

Quando cada cidadão tinha a sua escopeta ao canto da casa, os governos tremiam, porque nenhum d'esses cidadãos vendia a sua arma, nenhum a cedía por um empinho, por um emprego, por uns mil réis; agora os governos fazem tudo, empréstimos em ruinosas condições, monopolios que são infamias, miseraveis negociações, vis arranjos, com a maior semcerimonia, porque a nação vem entregar a troco do favores ou de miserias quantias a sua escopeta do hoje, a sua arma de guarda nacional do nosso tempo, o voto que não se vê assim, mas como um elemento de venda, que é por vezes um contrapezo a certa transacção, uma clausula a certo contracto ou um simples brinde, especie de *bonna universal* que se dá fingindo ser de graça, mas no fundo com reservados intuitos.

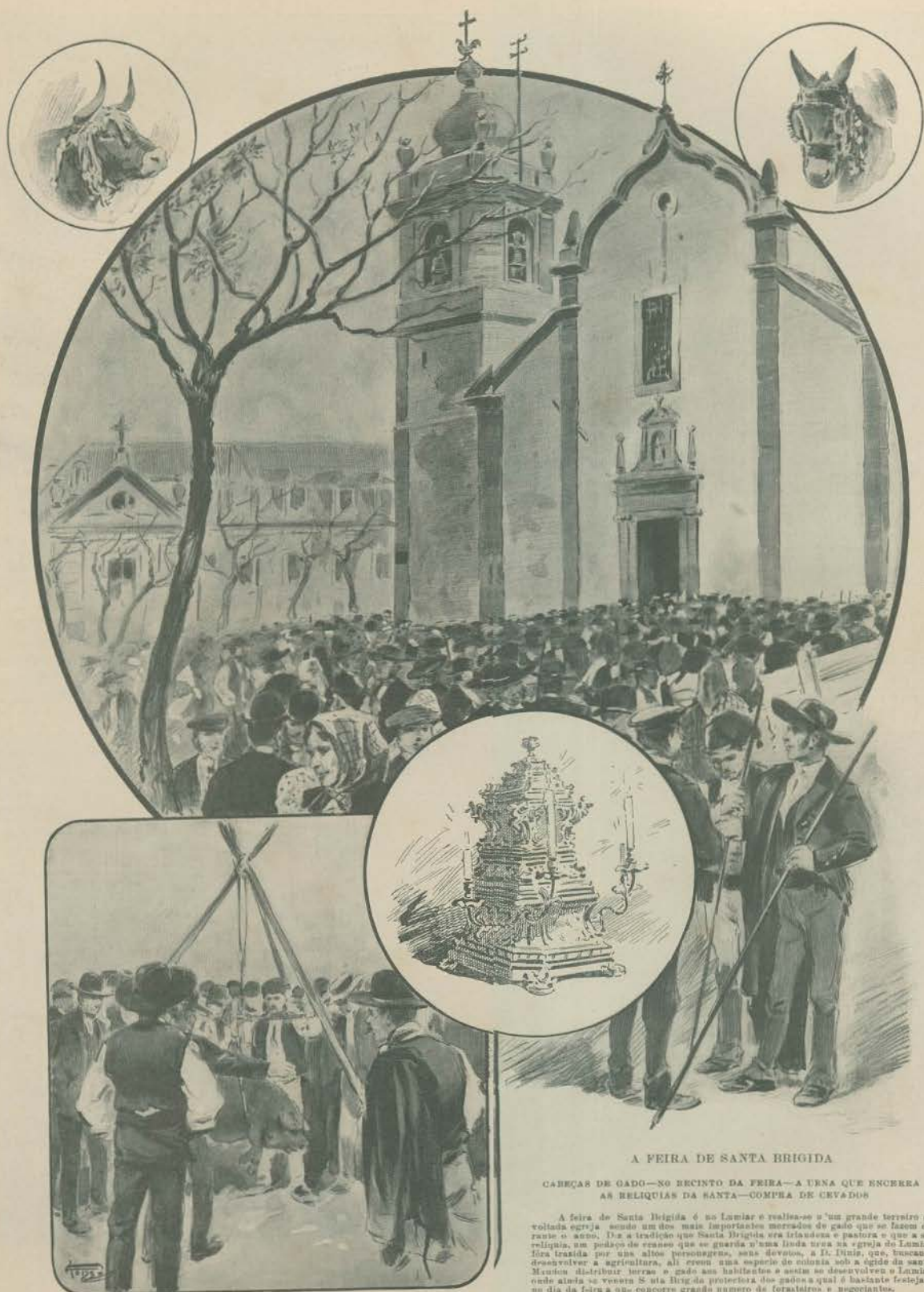
O voto é pois uma arma que se abandona, um direito que se vende dan'o aos dominadores toda a razão em nos querorem vender por sua vez a liberdade e a justiça.

E isto porque dia e noite, hora a hora, com as camaras abertas ou com as camaras fechadas, quando se pretende alguma coisa vem logo a idéa do voto que, como Deus, está em toda a parte, mas deixa do existir em toda a sua pureza na maioria das consciencias.

ROCHA MARTINS.



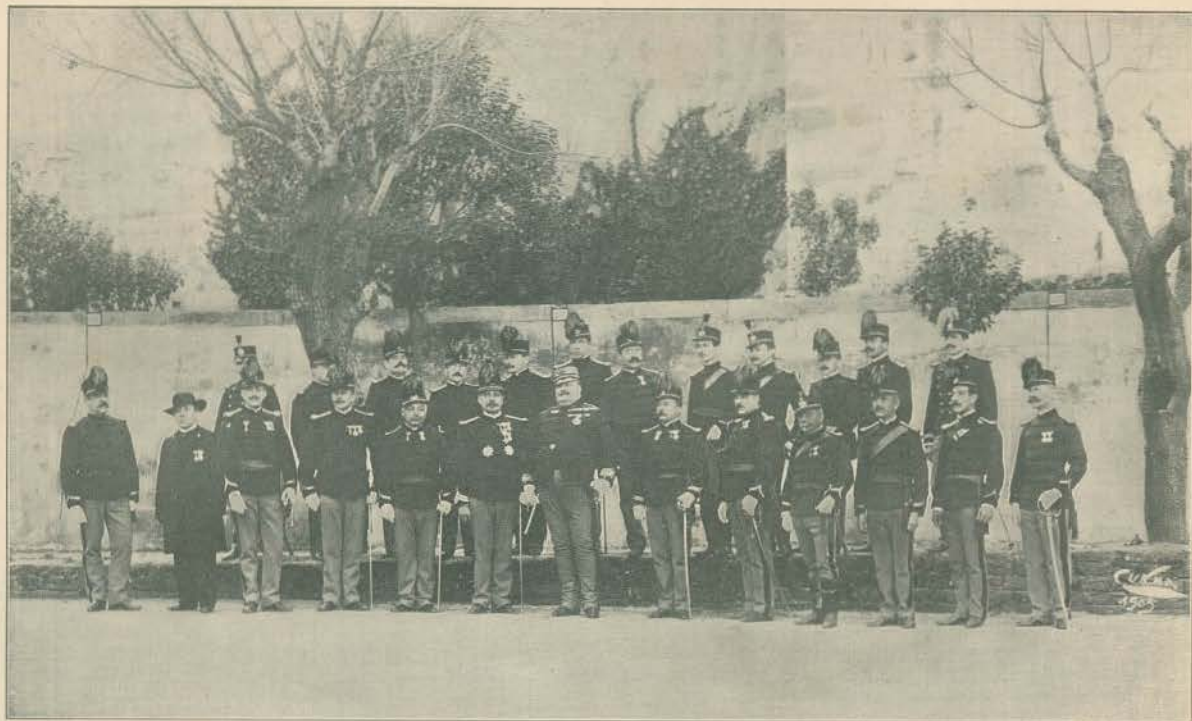
CASTELLO DE S. JORGE—FACHADA DO QUARTEL DE CAÇADORES 5



A FEIRA DE SANTA BRIGIDA

CABEÇAS DE GADO—NO DECINTO DA FEIRA—A UENA QUE ENCHEREA
AS RELIQUIAS DA SANTA—COMPRA DE CEVADO

A feira de Santa Brigida é no Lameira e realisa-se n'um grande terreno em volta da igreja sendo um dos mais importantes mercados de gado que se fazem durante o anno. Da tradição que Santa Brigida era irlandesa e pastora e que a sua reliquia, um pedrinho de cunha que se guarda n'uma casa perto da igreja do Lameira, fôra trazida por uns altos personagens, seus devotos, a D. Dinis, que, buscando desenvolver a agricultura, ali criou uma espécie de colónia sob a égide da santa. Mentem distribuir terras a cada um dos habitantes e assim se desenvolveu o Lameira, onde ainda se venera S.ª uia Brigida protectora dos gado a qual é bastante festejada no dia da feira a que concorre grande numero de forasteiros e negociantes.



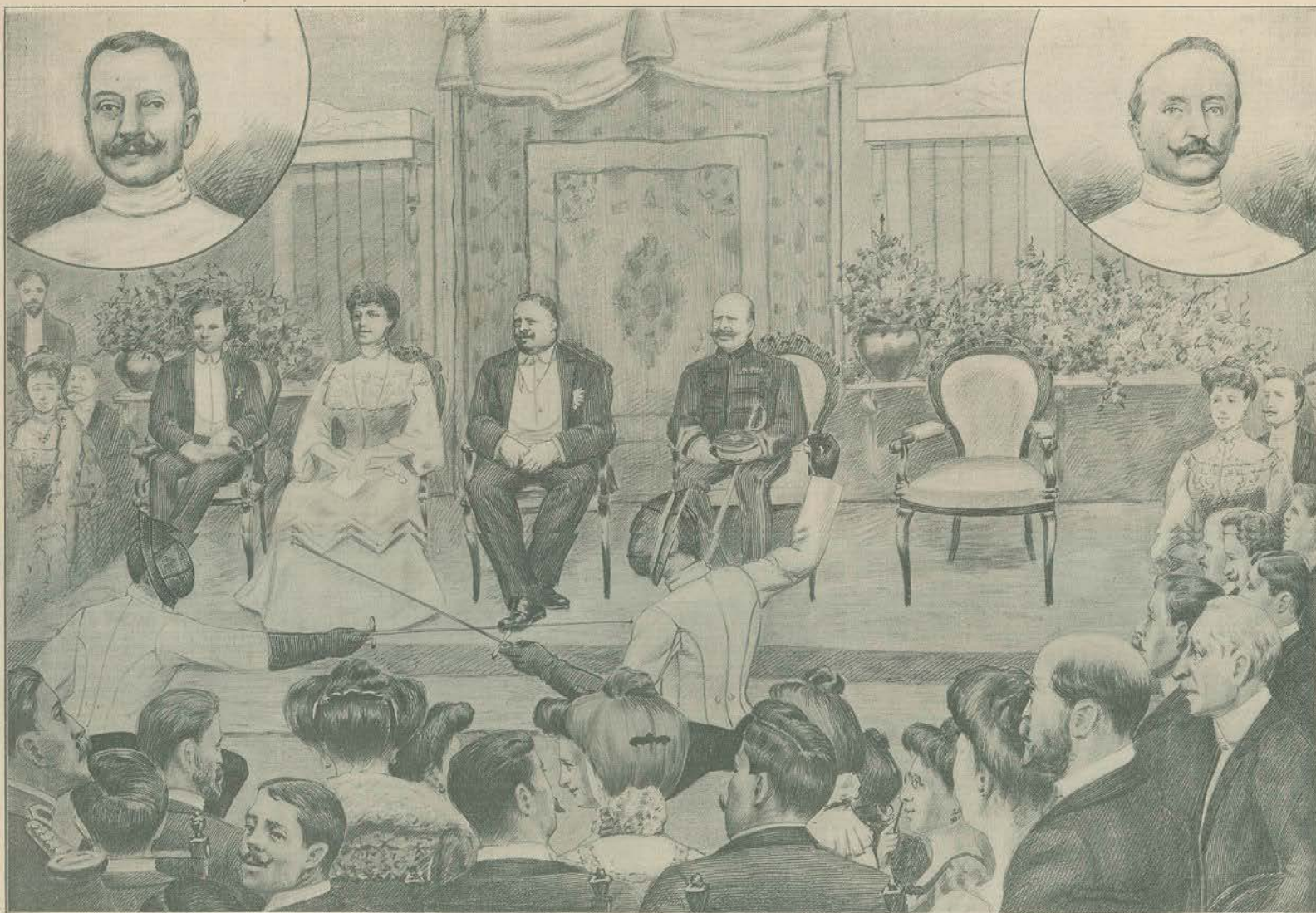
A BENÇÃO DA BANDEIRA DO BATALHÃO DE CAÇADORES 5
OS OFFICIAES DE CAÇADORES COM S. M. EL-REI—GRUPO TIRADO NO DIA DA BENÇÃO DA BANDEIRA
(Phot. do alferes da guarda municipal sr. Antonio Joaquim da Cunha Junior e gentilmente cedida á «Illustração Portuguesa»)

El rei dignou-se assistir aos festejos realitados no Castello de S. Jorge no dia da benção da bandeira do seu regimento. Foi o rei D. Luiz quem concedeu ao bello regimento do Conde das Antas o título de *Caçadores d'El-Rei*, honra insigne que o actual batalhão bem merece. Foi em S. Domingos que se realizou a cerimonia, tendo partido o regimento de 10 horas do Castello, formado em companhias. O capellão rev. Fragozo fez uma allocção brilhante aos soldados que, diante

dos seus officiaes, fizeram a ratificação do juramento sobre a nova bandeira. Além de S. M. el rei assistiram á cerimonia por todos os motivos interessantes os srs. ministro da guerra, general de divisão, general Costa Monteiro, commandante da 2.ª brigada, general Leocadio de Menezes, director geral de infantaria, e grande numero de officiaes superiores, aos quaes foi offerecido um lunch pelo commandante do batalhão, sr. tenente coronel Sousa Marques.



OS TRES ANABAPTISTAS. PEÇA DE BISSEON E TURQUE. GRADUACÃO DE MELLO BARRETO EM SCENA NO THEATRO D. AMELIA
EDUARDO BRAZÃO—CARLOS D'OLIVEIRA JOSEPH D'ALMEIDA ANTONIO PINHEIRO—ADELINA ADRIANCHES
AUGUSTO ROSA LUCILIA SIMÕES
A SCENA FINAL DO TERCEIRO ACTO HENRIQUE ALVES



O MESTRE D'ARMAS ANTONIO MARTINS

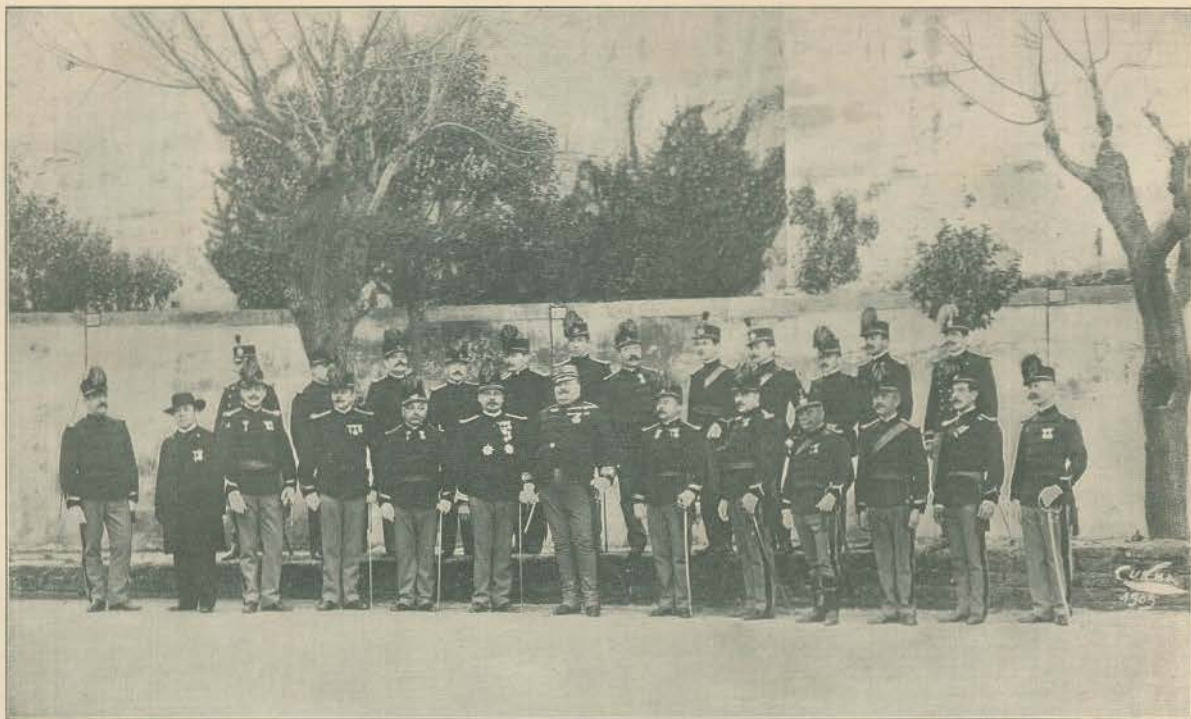
A INAUGURAÇÃO DO CENTRO NACIONAL DE ESGRIMA

O MESTRE D'ARMAS BREITTHMAER

Na presença de SS. MM. e AA., de parte do corpo diplomático, de grande número de officiaes de terra e mar, commandantes das Escolas Militares e de designados mestres d'armas, inaugurou-se no Salão de S. Carlos o Centro Nacional de Esgrima, que, devido aos esforços d'uma commissão e á grande energia e vontade do professor de esgrima sr. Antonio Martins, se constituiu, sendo um estabelecimento digno de todo o auxilio no nosso meio. Realizaram-se alguns brilhantes assaetos á espada e

ao florete, destacando-se os srs. Candido Fernandes e Horacio Ferreira no florete e também os srs. Ferreira de Castro e Antonio Martins Junior.
 A' espada, como sempre, correntes os srs. Heredia e Domingos Centeno, sendo admiráveis n'um brilhante assaeto de florete os professores Luiz Martins e Carlos Gonçalves, que se portaram á altura das suas reputações já consagradas. Mas o grande atractivo da festa era o encontro entre Antonio Martins e o mestre d'armas

Breitthmaer, que proncipalmente veio d' estrangeiro para este encontro. Da parte a parte houve grande correção, e mestria e a assistencia saudou-os com salvas de palmas, que os dois grandes esgrimistas bem mereceram pelo seu magistral trabalho. Durante os intervallos dos assaetos foram cantados alguns trechos por artistas de S. Carlos, entre elles as sr.^{as} Claueiros e Palermo.



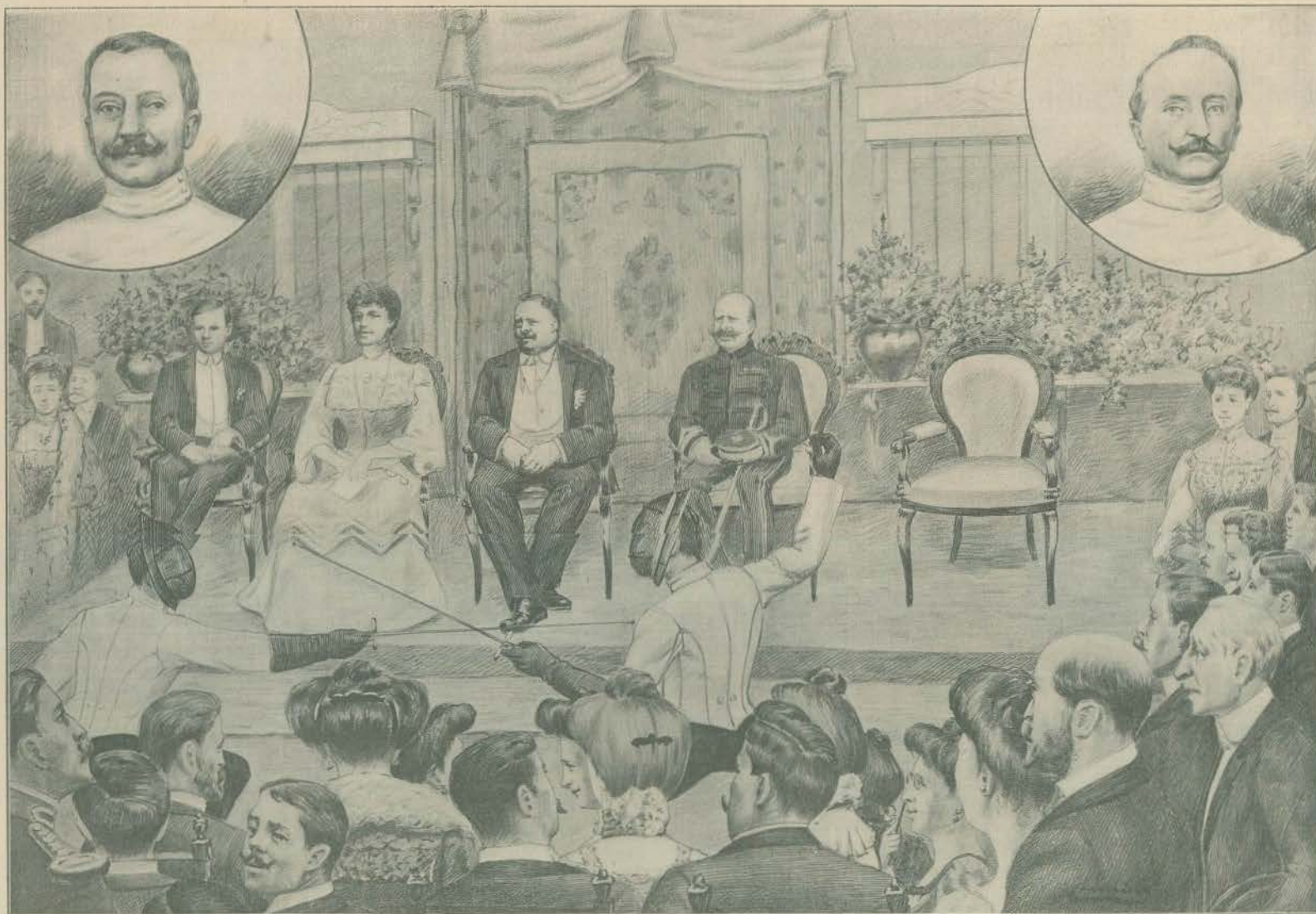
A BENCÇÃO DA BANDEIRA DO BATALHÃO DE CAÇADORES 5
OS OFFICIAES DE CAÇADORES COM S. M. EL REI—GRUPO TIRADO NO DIA DA BENCÇÃO DA BANDEIRA
(Phot. do alferes da guarda municipal sr. Antonio Joaquim da Cunha Junior e gentilmente cedida á «Illustração Portuguesa»)

El rei dignou-se assistir aos festejos realizados no Castello de S. Jorge no dia da bencção da bandeira do seu regimento. Foi o rei D. Luiz quem concedeu ao bello regimento do Conde das Antas o titulo de *Caçadores d'El-rei*, honra insignia que o actual batalhão bem merece. Foi em S. Domingos que se realizou a cerimonia, tendo partido o regimento de 10 horas do Castello, hora, de um companhia. O capellão rev. Frayoso fez uma allocação brilhante aos soldados que, dias,

dos seus officiaes, fizeram a ratificação do juramento sobre a nova bandeira. Além de S. M. el rei assistiram a cerimonia por todos os motivos interessante os srs. ministro da guerra, general de divisão, general Costa Monteiro, commandante da 2.ª brigada, general Lancastre da Mota, director geral de infantaria, e grande numero de officiaes superiores aos quaes foi offerecido um lunch pelo commandante do batalhão, sr. tenente coronel Sousa Marques.



OS TRES ANABAPTISTAS. PEÇA DE BISSEON E TURIQUE—TRADUÇÃO DE MELLO BARRETO EM SCENA NO THEATRO D. AMELIA
EDUARDO BRAZÃO—CARLOS D'OLIVEIRA JORJINA D'OLIVEIRA ANTONIO PINHEIRO—ADELINA ABRANCHES
AUGUSTO ROSA LUCILIA SIMÕES HENRIQUE ALVES
A SCENA FINAL DO TERCEIRO ACTO



O MESTRE D'ARMAS ANTONIO MARTINS

Na presença de MM. MM. e A.A., de parte do corpo diplomático, de grande numero de officiaes de terra e mar, commandantes das Escolas Militares e de insignes mestres d'armas, inaugurou-se no Salão de S. Carlos o Centro Nacional de Regatta, que, devido aos esforços d'uma commissão e a grande energia e vontade do professor de esgrima, sr. Antonio Martins, se constituiu, sendo um estabelecimento digno de todo o auxilio no nosso meio. Realisaram-se alguns brilhantes assaltos á espada e

A INAUGURAÇÃO DO CENTRO NACIONAL DE ESGRIMA

no florete, destacando-se os srs. Candido Fernandes e Horacio Ferreira no florete e também os srs. Ferreira de Castro e Antonio Martins Junior.
A' espada, como sempre, corretores os srs. Heredia e Domingos Continho, sendo arbitros, a'um brilhante assalto da florete os professores Luis Martins e Carlos Gonçalves, que se tornaram a altura das suas reputações á consagração. Mas o grande atractivo da festa era o encontro entre Antonio Martins e o mestre d'armas

O MESTRE D'ARMAS BREITMAYER

Breitmaier, que, propoz-lhe o seguinte: «Vou á esgrima para este encontro. Da parte a parte houve grande correcção e mestria e a assistência assistiu com salvas de palmas: que os dois grandes esgrimistas honraram pelo seu magistral trabalho. Durante os intervallos dos assaltos foram cantadas algumas trovas por artistas de S. Carlos, entre elles as srs.ªs. Clamorosa e Palmeri.

OS REGIMENTOS DE LISBOA



ACADORES D'EL-REI, o quinto regimento d'esta arma, está aquartelado no castello de S. Jorge, como se lhe fosse dado esse posto de honra em virtude do brilhantismo dos seus feitos, da grandeza da sua tradição, da soberba legenda que grangeou combatendo em Talavera, como no Bessaco, em Tolosa, como em Nivelles, fazendo prodígios, expondo-se, ganhando para a sua bandeira respeito e louros e conquistando o direito de marcar na fachada do seu quartel os nomes de dezenas de batalhas.

Da parada do batalhão de caçadores 5, como pela

vam-se os canos colossais de fabricas e coruchubs de egrejas, quasi se perdem n'uma orla doce, eschadida, junto ao céu e lá para o fim pontagudas azulhas que são outras torres, e o rio, azul e calmo, alarga-se e é como um manto celestial diante da cidade onde se al-



O SR. TENENTE-CORONEL SOUSA MARQUES
COMANDANTE DE CAÇADORES 5

borgam todas as maldades e todas as desditas. Além, n'aquella parada, no velho terreno d'Alecova, onde outr ora se faziam jardins de regalo para os reis, manobram os soldados, os que recolheram a herança dos bravos que, commandados pelo conde das Antas, representaram nas luctas constitucionaes o mais sympathico papel, n'uma opposição feroz e digna ás dictaduras, ás infamias, aos politicos que procuravam, apoiados n'uma parte do exercito, calcar a Carta Constitucional que a outra parte—entre a qual caçadores 5 tinha o lugar de honra—defendia valentemente, briosamente.

Não são apenas eses feitos que impõem o regimento que di-se a sua organização tem sabido praticar verdadeiros heroismos.

Quando em 1808, após a primeira invasão franceza, se organizou o exercito e enquanto a Legião Portuguesa ia armistada por essa Europa a cobrir-se de gloria e de sangue ás ordens de Napoleão, caçadores 5 tomou o lugar em Campo Maior, ponto importante de defesa n'um tempo em que se receava nova invasão. D'esta vez, porém, as tropas de Soult preferiram o ataque ás provincias do norte e só em 1809 o batalhão recebeu a consagração do fogo, demoliu um dos arcos da ponte d'Alcantara em Hespanha, a fim de impedir o avanço das tropas do marechal francez Victor. Um mez depois bateo-se em Talavera, ás ordens do general Wilson; em setembro de 1810 tomou com outros corpos a ala direita do exercito no Bussaco. Fez o cerco de Badajoz, bateu-se em Albuera, em Salamanca, em Valladolid, em Burgos e sobretudo na grande batalha de Victoria, sendo a sua missão a do ataque a porção de Abencubo portandose na verdade brillantemente; em Villa Fran-

ca do Lascano e em Tolosa foi citado no ordem do dia.

N'uma galgada toda de heroismos, as tropas aliadas, após Tolosa, invadem a França, e os caçadores lá vão no seu posto occupando com o exercito a margem direita do Nivelles, entrando depois na batalha de Nive.

Iam jogarem as ultimas partidas da epopeia napoleonica. A Europa aliada buscava esmagar o corso, e Wellington, o commandante em chefe das nossas tropas, cobriu-se de glorias immortedouras em Waterloo. Mas den-se o sitio de Bayonna e os caçadores ali tiveram o seu quinhão de gloria e receberam louvores dos seus chefes. Chegou por fim a paz, que só devia ser perturbada quando se debatem o direito á liberdade que assistia a este povo. Em 1820 o regimento secunda a revolução e apoia a implantação da liberdade, que em 1823 o conde de Amarante tentou destruir. Então caçadores 5 parte do Lisboa, chega a Penafiel, entra na ponte d'Amarante, derrota o inimigo, que se retirou



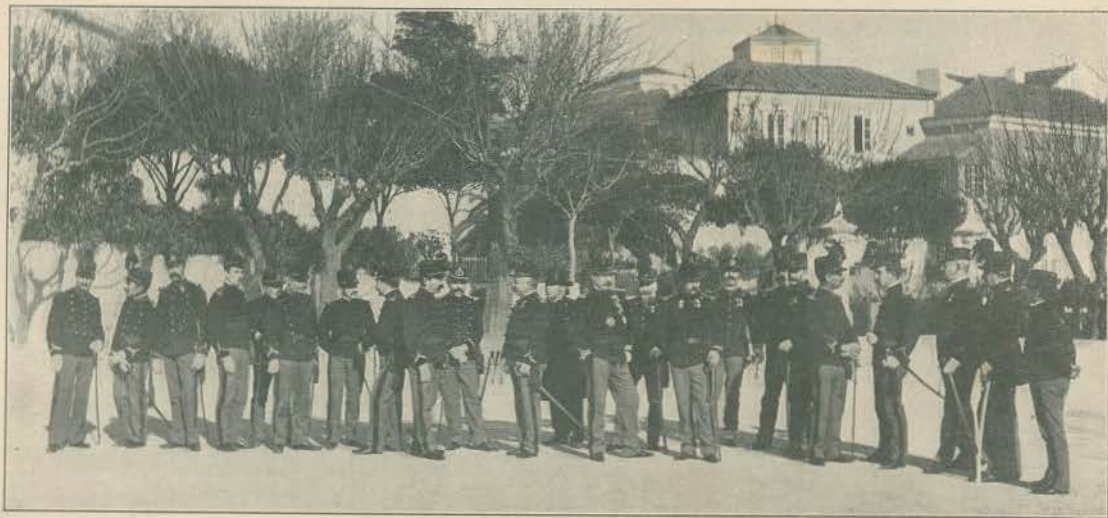
PORTA DE MARTIN MONIZ
PHOTOGRAPHIA TIRADA DO CAMINHO DA RODA

nova organização militar se designa o nobre regimento, avistase a cidade, uma extensão de telhados que parecem unir-se, trapieiras de misérias e balcões rendilhados de riquezas, fachadas alancieiras e soberbas, e rebocos tristonhos das velhas muralhas que cobrem infelizes, alargam-se planicies, e verdejam jardins, ele-



CASA DOS SAPADORES

polas estradas do Marão. Quando o absolutismo venceu de novo, o batalhão de caçadores, sendo considerado rebelde, é deportado para a ilha Terceira guarnecendo o castello de S. João Baptista, logo se mostrou, com sempre, fervoroso defensor da Carta Constitucional. Commandava o n'esse tempo o marquês de Palmella, que lhe entregou uma bandeira bordada por D. Ma-



NA PARADA—GRUPO DE OFFICIAES

COMANDO DO MIRAVENT TAVARES, TENENTE DA CASA DE RECLUTÃO—ANTONIO MARIA CORADO, TENENTE DA CASA DE RECLUTÃO—BENJAMIN ANTONIO DOS SANTOS, ALFES DE CASA DE RECLUTÃO—ANTONIO RIBEIRO MONTEN, ALFES DE CAÇADORES 5—DESIGNAÇÃO Y. TEIXEIRA DE MAGALHÃES, TENENTE DE CAÇADORES 5—JOSÉ REBELO DA SILVA E ANDRADE, TENENTE DA CASA DE RECLUTÃO—BENJAMIN TAVARES DE CARVALHO, TENENTE DE CAÇADORES 5—CARLOS MATHIAS DE CASTRO, ALFES DE CAÇADORES 5—PEDRO M. BRAGA, TENENTE-AJUDANTE DE CAÇADORES 5—JACQUES DA SILVA, CAPITÃO-MEIO DE CAÇADORES 5—JERONIMO DA PIEDADE ROLLO, CAPITÃO DE CAÇADORES 5—HERNANDEZ CARLOS FRAGOSO, CAPITÃO DE CAÇADORES 5—JOSE L. DE

SOUSA MARQUES, TENENTE-CORONEL COMANDANTE DE CAÇADORES 5—JULIO CYRUS TIMPTEL, TENENTE, CAPITÃO DE RECLUTÃO, DA CASA DE RECLUTÃO—JOSE D'ARAUJO LENTINHA E SERRA, MAIOR DE CAÇADORES 5—JOÃO ANTONIO DE BARROS, COMANDANTE DA 7.ª COMPANHIA DE RECLUTADOS—ANTONIO VIEIRA DE OLIVEIRA, TENENTE DE CAÇADORES 5—JOAQUIM Y. NUNES ALBUQUERQUE, CAP. DE CAÇADORES 5—THOMAS M. STUNSON DE ALMEIDA, TENENTE DE CAÇADORES 5—JOSE L. PALMEIRO DE FARIA, ALF. DE CAÇADORES 5—JOÃO DE MESSEDES SOUSA E ALBUQUERQUE, CAP. DE CAÇADORES 5—JOSE A. H. RIBEIRO, CAP. DE CAÇADORES 5—JOÃO DE PASSOS P. DE CASTRO, ALF. DE CAÇADORES 5.



REFEITÓRIO DOS ARGENTOS

ria II. e' com a qual a joven rainha queria premiar o valor e a firmeza dos soldados d'esse bravo regimento.

companhia que sustentou o posto de Al-medallia a medalha de Torre Espada, sobre todas honrosa. O rei D. Luiz conferiu-lhe o titulo de caçadores d'el-rei e o regimento encheu-se ainda d'uma grande gloria em Moçambique e onde praticou feitos que jamais podem esquecer, e que são mais motivos de galaridão para esse regimento tão celebre, que actualmente é commandado pelo sr. tenente coronel Sousa Marques, official distincto que tem feito melhoramentos importantes no quartel do batalhão, aquartelado num dos mais bellos pontos da cidade, o castello de S. Jorge, aquelle alcaçar dos reis, o habitar heroico, digno loggar de tão bravo regimento.

As installações d'esse quartel são na verdade admiráveis, como tivemos occasião de ver pela visita que ali fizemos quando o sr. duque de Comaighi foi aquelle regimento. As casernas são amplas, limpas, bem arrojadas, com as suas janellas largas das quaes se avista a cidade inteira e d'onde pelas noites se goza um theatro espectral de luzes que parecem assim indicar os palacios e as mansardas com o seu brilho intenso ou vago e que no rio mascaram as grandes embarcações de luxo, que lembram habitações vogantes de fadas illuminadas fracamente e as falustas miseráveis de povões com as suas lanternas tristes no topo dos mastros altos.

Por toda a parte nos corredores como nas salas, nos refectorios e como nas camaratas, nas cozinhas como na secretaria, se nota o mesmo asseio, que agrada e bem dispõe a continuar a visita. Depois o castello é como uma cidadella que alberga nas suas muralhas, além



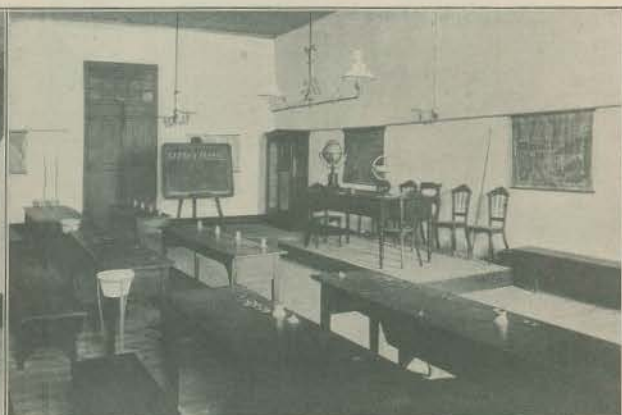
SALA D'ARMAS

quasi nada existe e apenas a porta de Martin Moniz, cheia de negrume do tempo e d'uma legenda de heróis



SALA DO BILHAR

Offerce sempre uma enorme resistencia a D. Miguel, bate-se nas lhas, defende a todo o transo e vom desam-



ESCOLA REGIMENTAL

d'uma população, esses soldados que o guarnecem. Da volha praça pouco resta, da parte historica da Alcaçova

mo sem par, se mostra ainda aos nossos olhos avocadores e deslumbrados.



UMA CASERNA

barcar com D. Pedro IV na praia de Mindello em 1832. Segue então a sua historia heroica de sacrificios e de feitos militares, toma parte em quasi todos os memoriaes encontros, no Val-longo, como em Ponte Ferreira, recebendo a honra insignia de usar na sua bandeira a fita da ordem do Torre Espada. Defende tambem o monte das Antas, combate no celebre encontro d'Lordello, vence em Avintes e entra em Lisboa as ordens de Salanhua e D. Pedro IV visto a favela do coronel d'este regimento e vai saudado no quartel de Valle de Peritoon-de está tambem o povo a aclamar-o. Assiste ainda ao resto das victorias, defende Lisboa nas lhas, vai tomar Leiria e tempo depois cobre-se de gloria na batalha de Alamo, sendo por esta occasião conferida a

N'aquelle largo terro-ro entraram ontr'ora, ha muitos seculos os portuguezes da raldão, d'el-le fugiram espavoridos os monros e Martin Moniz, atravessado nos hum-bras do portello, forte na sua armadura, gloriozo e prompto a succumbir, soube cumprir o seu dever de bom christão e de bom cavalleiro.

Na igreja da freguezia mora S. Jorge, aquelle lindo santo cujo nome sempre resou nas bocas dos nossos soldados nas horas do perigo, que nos ajudou a vencer e a impôr o nome das nossas armas ao mundo, e uma vez cada anno d'alli ao, da sua igreja que o Castello defende, para vir expôr-se diante do povo com o seu estado.

Caçadores 5, pela sua tradiçào, pela fama do seu valor, bem merece occupar esse posto de honra, esse invulneravel castello.



OS TUMULTOS NO RÓCIO POR OCASIÃO DA CHEGADA DE DR. BERNARDINO MACHADO A LISBOA EM 4 DE FEVEREIRO

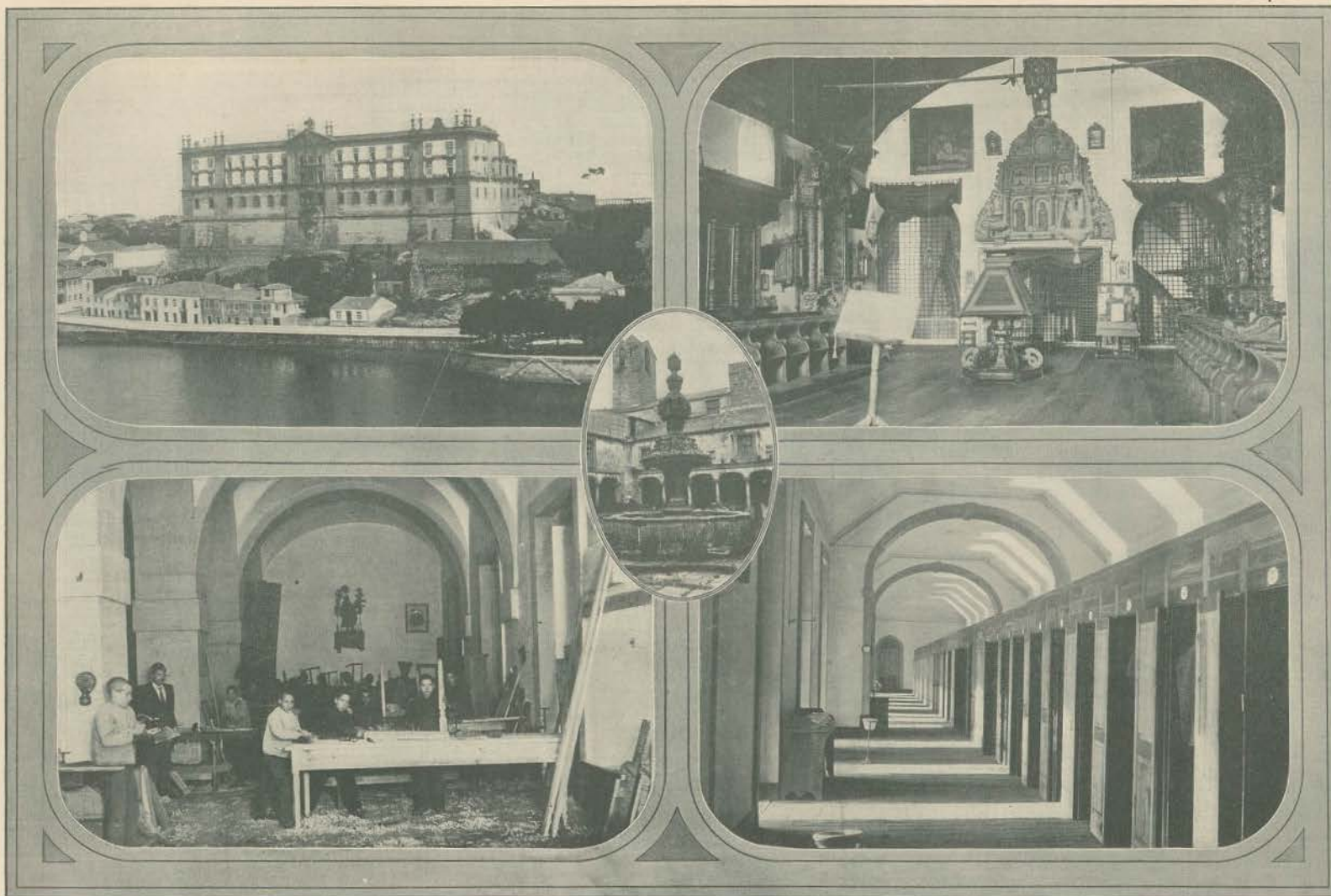
O partido republicano delibetara fazer um comício para o qual foram convidados os candidatos do partido por Lisboa. Entre estes está o sr. Bernardino Machado, chefe da Universidade e ex-ministro, que desde há algum tempo se filia na facção republicana e este é considerado como

um dos mais queridos chefes. Na noite de sábado, 4 de fevereiro, veio de Coimbra o dr. Bernardino Machado e à relação do Rocio foram alguns dos seus correligionários e apesar o mesmo que grande quantidade de povo no intuito de o saudar. Porém a polícia, que subargara de começo a vi-

trada na estação, rodeou diante dos protestos e assistência impavida da multidão, mas, quando o povo acompanhava o dr. Bernardino Machado até ao Avenida Palace, onde se hospedou, começou a emparar brutalmente, acabando por tentar dispersar violentamente a multidão. N'uma das janelas

apareceu o sr. candidato republicano, estrondaram os vivas, a polícia puxou das sabres e dentro em pouco começaram as correias e as perseguições, tendo o sr. dr. João de Mesquita, outro candidato republicano a quem o povo saudava, de se refugiar no café Salses, cuja entrada foi vedada à polícia.

(Segundo um croqui)



A CASA DE CORRECÇÃO DO DISTRICTO DO PORTO

A FACHADA—CORO DE CIMA DO ANTIGO MOSTEIRO—CLAUSTRO—OFFICINA DE MARCENARIA—AS CAMARATAS

A Casa de Correção foi instalada em 6 de janeiro de 1903 no antigo convento de Santa Clara, tão celebre pelas suas tradições. Ali são acolhidos os menores que

aprendem diferentes officios salvando-se d'este modo da vida horrorosa das ruas, da vadiagem, da ociosidade que leva aos crimes.

Está admiravelmente organizado este estabelecimento, que se torna nota vel entre os seus congêneres.



A REVOLUÇÃO NA RUSSIA:—TUMULTOS NAS RUAS —

A multidão, como n'um velho odio contra o exército onde ainda as garrachas do ex grão superior, lançou-se sobre os officiaes, que se defendiam a todo o tranque.

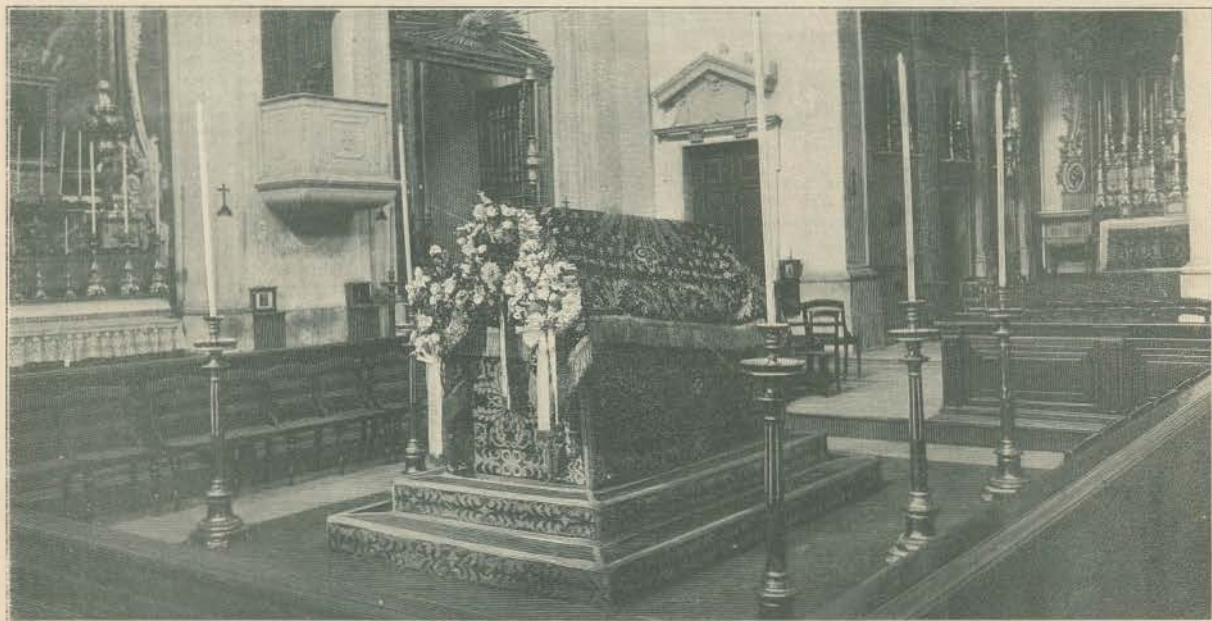
Porém, alguns, caído nas mãos da população, foram exaustos entre

as ruas e as gargalhadas dos rebeldes. O czar recebeu uma deputação operaria a qual aconselhou ordem e clemencia, dizendo que protegeria as suas reclamações, mas, apesar de tudo, os tumultos foram continuados, sendo presos os principaes escriptores, professores, advogados e medicos da Russia que são

libreses. Por toda a parte lava a massa chamma de rebellião e a Polonia parece arguer-se em massa tirando a sua vingança dos dominadores, que são obrigados a sustentar tres luctas, qual d'elles a mais envenenada, gerada todas d'esta guerra do Japão tão imprudentemente declarada e tão intellimente levada a cabo.



O MESTRE D'ARMAS BREITTMANN O MESTRE D'ARMAS ANTONIO MARTINS
 SR. CARLOS GONÇALVES—JOSÉ PIRES—HORACIO FERREIRA—CANDIDO FERNANDES—ANTONIO MARTINS JUNIOR—DOMINGOS CENTENO
 —SEBASTIÃO HERROIA—EDUARDO FERREIRA DE CASTRO
 O GRUPO DE ESGRIMISTAS QUE TOMOU PARTE NA INAUGURAÇÃO DO CENTRO NACIONAL DE ESGRIMA



NA EGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA—O ATAQUE COM O CORPO DE ALFREDO BERRANO

Alfredo Pavão foi um dos mais notáveis poetas da geração nova, discípulo de João de Deus e seu amigo. Tinha as alcunhas de os primeiros anos da sua existência e na Casa Pia estudou, distinguindo-se tanto que por disposição do mesmo estabelecimento de ensino foi encarar as escolas superiores. Entrou para redactor da *Nôva* e d'allí foi para mestre de português dos filhos do sr. D. Miguel de Bragança. Durante alguns annos esteve na Austria exercendo o seu cargo, viajou, teve grandes conhecimentos, dedicou-se á critica d'arte e ao voltar a Lisboa fez duas ou tres

conferencias na Sociedade de Geographia e em Porto, que foram instantes notaveis. Saindo de novo de Portugal n'uma viagem de estudo pela Italia e ao chegar a Bolonha adoeceu gravemente d'uma febre typhoide que o matou. Uma comissao de amigos e admiradores fez transportar a bordo do *Allegro* o seu cadaver para Lisboa, donde na egreja da Conceição Velha durante um dia e sendo conduzido ao cemiterio das Prazeres em 5 de fevereiro, com numeroso acompanhamento,



UM ASPECTO DO FUNERAL



OUTRO ASPECTO DO FUNERAL



O FERETRO SAÍDO DA EGREJA DE SANTA IZABEL



ALFREDO SERRANO



OS ALUNOS DA CASA PIA NO FUNERAL

O FUNERAL D'ALFREDO SERRANO

Grande numero de amigos e admiradores do malogrado escritor acompanharam e se ca-
daver até a ultima morada. O feretro saiu da igreja da Conceição Velha e seguiu pelas ruas An-
gusta, Roda, lado occidental, Avenida, rua Alexandre Hercolano, largo do Rato, rua do Sol, rua
do Visconde de Santo Ambrasio até a igreja de Santa Izabel, onde officiou o reverendo Santos
Parinha. Findo o *Liberdade*, seguiu o cortejo para o cemiterio dos Prazeres, ficando o corpo de
Alfredo Serrano depositado no jazigo n.º 3932 pertencente á sr.ª D. Maria Prado Rodrigues. In-

corporaram-se no funeral, além dos seus amigos e da commissão promotora, alguns alumnos do
Lyceu, do Instituto Industrial e da Casa Pia. A familia do sr. D. Miguel de Bagança fez-se re-
presentar por alguns membros do partido legitimista e diversos estabelecimentos de caridade, asy-
los, varoas, tambem tiveram a sua representação no cortejo. Pela *Illustração Portuguesa* compa-
raram no cemiterio os srs. Candido da Silva Junior e João Causal e junto ao jazigo falaram os
srs. Cesar da Silva e padre Santos Parinha, que fez uma brilhante oração fúnebre.

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

— E a auctoridade! Mas já que não basta o meu título para conter essa grandeza ambiciosa e fanática em respeito, em irei, D. José, Príncipe do Brasil, herdeiro da coroa, para o meio do povo de que seré rei um dia, abrir os olhos a esse ego eterno, desalgarar esse eterno escravo, dar a liberdade aos opprimidos, abrir as janelas da verdade, para que entre luz a este carcere escuro! Pode partir, conde! Eu irei, desacompanhado ou com escolta, só como um estudante ou com prestito do Príncipe, de Queluz a Belem, de Belem até ás Caldas, das Caldas até ao throno! E quando o meu nome não bastar para fazer recuar os sagões, a minha espada os affastará do meu caminho!

— Senhor! Vem gente!— disse baixo Cagliostro, com um acceno de silencio, olhando para os lados do jardim. Toda a prudencia é pouca, Alteza!

D. José deu dois passos, subiu os degrãos da rotunda, entre os dois cavallos alados.

— E apenas o porteiro da casa e o meu guarda-roupa...

Cagliostro estendeu o braço em direcção das avenidas.

— Alguem mais se aproxima, Alteza!

D. José voltou-se, apontou com o bastão um caramanchol de rosas.

— O duque e o coronel!

Cagliostro cruzou os braços, caminhou lentamente até ao primeiro degrão da escadaria de mármore.

— Entrego nas mãos do Vossa Alteza a minha honra e a minha vida!

— Hei de conservar-lh'as e augmentar-lh'as, conde!— disse D. José com solemnidade.

— Confio na discreção de Vossa Alteza.

— Só Deus me ouzirá, quer na fortuna, quer na desgraça!

Então Cagliostro ajoelhou e levou aos labios a mão do Príncipe do Brasil.

Luiz de Miranda parou a bocca da rotunda. O porteiro da casa estacara em frente do Neptune.

Os sinos da igreja voltaram a repicar festivamente. Já por entre o bulicio das folhagens se ouvia a voz do duque, entoando madrigaes em italiano.

Cagliostro ergueuse.

D. José desceu lentamente os degrãos, ao encontro de Luiz de Miranda.

— Já de volta, coronel?

— Meu senhor, é lord Beckford que acaba de chegar...

D. José pousou a mão branca na ilharga da casaca do velludo, cruzou a perna com negligencia, encostouse ao bastão.

— Tinha-me esquecido de lord Beckford!

Luiz de Miranda ergueu a cabeça, surprehendido.

— Se Vossa Alteza assim o deseja, conduza-o-hei até aqui.

— Ah, isso não, coronel! Mando abrir a sala do throno! Quero recebê-lo com as honras devidas a um embaixador! Diga ao lord que eu proprio me digno recebê-lo em Queluz, sem dispensar o ceremonial e a etiqueta, como se lhe dera audiencia! Faça reunir a guarda dos archeiros! Nem todos os dias a realza tem a honra de receber a visita de Cresus!

— A visita de Judas!— emendou Cagliostro, em voz baixa.

— Vossa Alteza faz reunir a corte para a recepção do lord?— perguntou a voz maliciosa de Lafões, que entrava na rotunda com Lorenza.

— Não, duque, mas convide-o a servir de introdutor a lord Beckford! Bem vê; é necessario que a monarchia receba dignamente Cresus!

Com gentileza, o Príncipe atlantou-se ao encontro de Lorenza, descobriu-se, curvou-se n'uma reverencia graciosa.

— *Ha il piacere di riceverla, contessa...*

Lorenza levou automaticamente as mãositas tremulas aos *paletos* da saia. O seu beicinho oscarlate tremia. As plumas do seu chapéo tremiam. As pestanas, como clytros de insectos luminosos, tremiam-lhe.

D. José ficou por um instante a contemplar-a, n'um deslumbramento.

Lafões sorria com malicia. Luiz de Miranda, que subira os tres degrãos da rotunda, igualmente sorria.

Então D. José cobriu-se, voltou-se para Cagliostro e



hem alto, em voz serena e firme, como uma proclamação, disse:

— Conde de Cagliostro, até á volta! Que Deus o acompanhe!

Cagliostro curvou-se. D. José enbiu os degraus do marmore, de novo fez uma cortezia a Lorenza.

— Não vem, duque?

Lafões, que quedara, attonito, deu uma reviravela do dançarino sobre os altos tacões escarlates.

— Acompanho Vossa Alteza...

E depois de hojar em silencio a mão de Lorenza, que ainda tremia, approximou-se de Cagliostro, ainda curvado; parou, e ao tempo em que fazia a mouira, segredou-lhe:

— Desistiu da estocada, conde?

— Não, duque! Apenas a transferi!— respondeu Cagliostro, n'uma attitudo modesta.

CAPITULO XI

O EMISSARIO SECRETO

Abriu-se a grande porta de vidros de Veneza, encimada de trophéos bellicos e grinaldas de rosas, e lord Beckford entrou na vasta e sumptuosa sala do throno, que a luz do sol tornava mais clara na sua decoração azul, branca e dourada.

A porta voltou a fechar-se, e frente a frente ficaram o emissario de Inglaterra e o herdeiro da coroa de Portugal.

Coberto de pó, em trajes viatorios, com um redingote cor do pinhão e calção preto, lord Beckford olhou em redor, surprehendido, adiantou-se em passos lentos até meio da sala, curvou-se n'uma primeira cortezia de etiquetta.

— Seja bemvindo em Queluz, lord!— disse D. José, que se conservava immovel, apoiado ao bastão e com o tricorne na cabeça.

Boijo reconhecido as mãos de Vossa Alteza Real e supplicio me perdoe o traje em que me apresento.

— Sei que chega de Palhavã. O coronel communicou-me o seu desejo de visitar os jardins de Queluz. Não queria deixá-lo passar sem me avistar comtigo. O lord é um homem illustrado e superior, digno representante de uma civilisação adiantada, que eu admiro e quizera ver egualada n'este inculto e fanatico reino de Portugal. Nem todos os dias um principe tem occasião de falar a um homem do seu merecimento. Que impressões leva d'esta terra, lord?

— As que um homem mortal pode colher n'um paraíso, Alteza...

— Perseguram-o até aqui os mendigos e os cães?

— Senhor...

— Os caminhos são abominaveis?

— Pareceram-me optimos, Alteza...

— Homineis é que elles lhe pareceram! Mas, n'esto país rico, a administração é um caos! Em Portugal, estamos ainda no regimen da barbaqueia. Inutilmente procurará uma estrada onde as seixas se não atolem! O Intendente, que tem a seu cargo a conservação e melhoramento dos caminhos, perde o tempo a perseguir jacobinos inoffensivos, a vigiar conspirações imaginarias e a queimar as obras de Voltaire! Por isso tomou uma policia tão feroz como inutil!

Lord Beckford abriu a bocca para protestar.

D. José proseguiu, risinho:

— Devo fazer uma triste ideia de nós! Somos o povo mais atrasado da Europa! Fora de Lisboa, é difficil encontrar um homem que distinga as letras! Na corte, os poucos que sabem lêr são socios da Academia das Sciencias! Não tente encantar-se, lord! Que impressão lhe fizeram os ministros?

— Mas, Alteza, excellent!

D. José soltou uma gargalhada nervosa.

— Excellentes, como personagens de comedia?

Aturdido, lord Beckford tartamudeou:

— Homens da maior experiencia em negocios do Estado e da mais elevada capacidade politica. Asseguro a Vossa Alteza que na Inglaterra...

— São melhores?— interrompen D. José, sem deixar de sorrir.— Creio bem, lord!

— Perdão, Alteza... Ao contrario, ia dizer...

— Que eram menos máos? Pago-lhe a vontade. Os ministros de Inglaterra são menos máos? Ainda bem que de tal ruindade temos pouco. Do mal, o menos! O ministerio está reduzido ao visconde de Villa Nova da Cerveira e a Martinho do Mello. E bastam os dois para que a calamidade seja irreparavel! Os dois valem uma guerra! Antes os exercitos do Hespanha, lord!

— O ministro do reino é um homem competente... murmurou lord Beckford.

— No desgoverno!— concluiu D. José, com impassabilidade.

— E' um espirito cultivado...

— De asneiras!

— Mas, Alteza, a Europa atravessa um momento difficil e as suas reformas...

— Em materia de reformas, e attendendo á grave situação da politica da Europa, o visconde pensa em reformar as chapas das commendas de S. Thiago e de Christo... E' uma reforma de que hão de provir grandes beneficios á nação... Tão habil administrador o julgou a viscondessa, sua mulher, que requereu do desembargo do Paço uma provisão dando-o por incapaz de gerir os bens do casal! Parece que a unica



D. JOSÉ SOLTOU UMA GARGALHADA

garantia que o ministro do reino offerece da sua intelligente administração publica a é a comprovada incapacidade para administrar a sua propria casa... Enquanto ao marquez d'Anjeia, presidente do real erario, o seu primeiro cuidado para fazer prosperar a fazenda foi o de fixar para si o honorario de vinte e quatro mil cruzados... Como vê, o marquez administra-se muito melhor do que o visconde...

— Parece-me que Vossa Alteza ajulha severamente os ministros...

— Não será isso que influa na sua demissão... Hão de grangear honras, proventos e titulos por longos annos, augmentar de dignidades e bens... São homens pacificos, lord. A honra da nação está bem confiada á sua guarda! Haja vista o tratado vergonhoso, que concluímos com a Hespanha, concedendo-lhe os territorios contestados da America, abandonando-lhe a colonia do Sacramento, territorios extensos do Maranhão, as ilhas

de Fernando Pó e Annó Bon e o trafico infame des negros nas colonias da Africa!

— Senhor, a Inglaterra offereceu auxilios e conselhos para a resolução d'essa pendencia...

D. José arguiu a cabeça com arrogancia.

— Auxilios e conselhos de que prescindiu o marquez de Pombal...

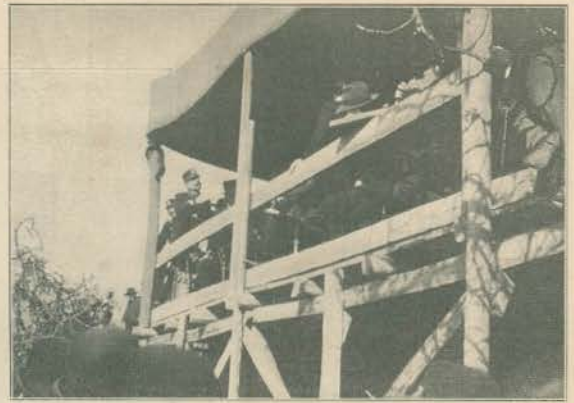
— Com assomos condemnaveis de orgulho, Alteza...

— Não, lord! Não foram assomos de orgulho que lhe dictaram a recusa! Foi a consciencia da sua força e a confiança no seu talento!

— Era uma alliança digna e aconselhada por identicos interesses politicos...



SR. DR. ALEXANDRE BRAGA NA TRIBUNA



O SR. M. J. DIAS INTERROMPENDO O DISCURSO DO SR. DR. ALEXANDRE BRAGA



STEF GEYER

A celebre violinista denominada Kibelik, feminista, que se apresentará brevemente ao publico no theatro D. Amalia.



SR. DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA NA TRIBUNA



MIRCO HORSZOWSKI

O infantil pianista que se apresentou ao publico no theatro D. Amalia.

O COMICIO REPUBLICANO PARA A APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS Á DEPUTAÇÃO EM 5 DE FEVEREIRO

CHRONICA ELEGANTE

Por mais que se queira variar o assumpto d'estas chronicas, occupando-nos de passeios, de *fâneries* e de casos simples e banaes, a época está sendo tão fértil em festas nocturnas, em projectos carnavalescos, que insensivelmente nos encaminhamos a tratar tambem d'esses successos mundanos da mais perfeita actualidade.

O *tracosti* está agora um pouco *démodé*; no entanto ha festas em que elle se torna perfeitamente acceptavel e é justo que se aproveitem essas raras occasiões de o exhibir. Um *tracosti* bem escolhido, em harmonia com as condições physicas da pessoa, é delicioso e presta-se ás mais seductoras phantasias. Actualmente está em moda tambem o traje de *phantasia meio tracosti*, assim como a cabeça só caracterizada. Em qualquer d'estes campos é facil, quando se possue um pouco de bom gosto e sentimento artistico, organizar um vestuario que saia do vulgar e apresente relativa novidade.

Nas *toilettes* sem *tracosti* e cada vez mais sumptuosa e escolhida a ornamentação. Uma das mais recentes



FIGURA 1



FIGURA 2

novidades é o bordado a aço e prata sobre tulle ou gaze branca, ou preta, com *dessous gris* muito pallido ou *laine d'argent*. Estes bordados são sabiamente combinados de forma a fazer valter as scintillações alvas do prateado e o tom escuro e reluzente do aço. Nas grandes flores *arte-nova* os fundos são bordados a aço, formando a prata o relevo das pétalas. Bem aproveitados estes elementos, o effeito é deslumbrante. Os bordados de genero *rococó* tambem estão na ordem das elegancias modernas. Semelham-se de florinhas soltas os fundos de tulle, *mausseline* e renda. Os fillos sombreados prestam-se maravilhosamente á confecção d'estes bordados, tão leves, tão graciosos que por vezes semelham uma chuva de flores que caiu sobre o vestido. Uma nota

muito *smart* para complemento d'estas floridas phantasias são: os laços Luis XV em velludo preto ou de cor muito escura, sobretudo verde ou róxo.

Outra phantasia muito elegante é um molho de flores em harmonia com a *toilette*, collocado no hombro esquerdo e preso com um *chou* ou laço de fita de cor differente, com varias laçadas caindo para tras e para diante. Os decotes de flores são lindissimos: quer sejam postas em *cordão* ou então em franja quando são flores finas e leves como *myosotis*, *bruyère*, *muguet*, *lilazes*, etc.

Fig. 1 — *Toilette* de baile em tulle preto com bordados a prata e aço.

Fig. 2 — *Toilette* de baile em setim branco, corpo coberto de tulle com *pâquerettes* em bordado *rococó*, pequena *chou* e *liens* de velludo verde.

Fig. 3 — *Tracosti* *l'art nouveau* em setim amarello e velludo verde com ornamentos e flores *arte-nova*.



FIGURA 3



A Companhia Franceza do

GRAMOPHONE

Mudou os seus escriptorios para o

LARGO DA RUA DO PRINCIPE, 8, 1.º

(ENTRADA PELA LUVARRIA)

Brevemente

Apparecerá o novo cattalogo de discos, notavelmente enriquecido com toódas as ultimas novidades de maior sensação e successo em que figuram as vozes das maiores celebriddades musicaes, artistas, orchestras, cançonetas de (genero, etc., etc., etc.

A **Companhia Franceza do Gramophone** é a unica que possui um repertorio completo de musicas de todo o mundo, e a que tem a maior e mais completa collecção de disccos em todos os idiomas.

Companhia Franceza

DO

GRAMOPHONE

Largo da Rua do Principe, 8, 1.º - Lisboa

(ENTRADA PELA LUVARRIA)



SA PELA DE SIN RUA

